



SEMENTE

Fazendo História Nº 6

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST

Bernardo Mançano Fernandes
GEOGRAFO

SEMENTE

Sumário

Semente de poesia.....	3
Aos Sem Terrinha.....	7
Um jardim de todos.....	9
Bem lá dentro	11
De quatro pernas.....	12
Arvoredo.....	14
O jardim da saúde.....	16
A gralha esquecida.....	18
O povo do canto e do céu.....	20
Os elementos.....	22
Dentro dela.....	25
No brejo no mato e no pasto.....	26
A gente	27
Coisa de comer.....	28
Sentindo o sentir.....	29
Estória de índio.....	30
Mas, como?.....	31
A semente.....	32
O Zelo do mato.....	34
Ora, veja!.....	35

Semente de poesia

Certa vez um tamanduã ao encontrar um formigueiro, furou a casca com sua unha e começou a comer as formiguinhas. Uma delas que se chamava *Poesia*, fugindo às pressas para não ser comida também, subiu até o nariz do tamanduã e começou a fazer versos de amor para distrair a fera e poder salvar suas amiguinhas.

Por um instante o tamanduã parou para ouvir o que dizia a formiguinha:

"Tamanduã, tamanduã eu só sei fazer poesia seja de noite ou de dia quero ver tu me encontrar."

- Quem está falando estas besteiras? perguntou o Tamanduã furioso
- Sou eu, a formiguinha Poesia, respondeu ela tremendo de medo escondida entre os longos bigodes amarelados do Tamanduã.
- Eu não gosto de poesia! Onde você está que vou lhe comer!
- Eu estou em toda parte, respondeu a formiguinha. É só você prestar atenção que vai me encontrar.

Sem esperar o ataque, o Tamanduã passou a língua pelos bigodes e lá se foi ela goela a baixo descendo por aquela escuridão, nadando por um oceano de saliva. Quando o Tamanduã foi dormir e

parou de se mexer, ela foi se arrastando até avistar uma claridade que parecia uma porta de vidro.

O Tamanduã despertou do longo sono, abriu um olho, viu a formiguinha deitada sobre uma folha de capim. Piscou, e quando abriu o olho, ela se mudou para a folha da laranjeira. Olhou para seu dedo que doía, e ela já estava sentada sobre a unha encardida.

- Você ainda está aí formiguinha?

- Venha me pegar! Eu não disse que estou em todo lugar? falava mansamente a formiguinha para o Tamanduã, já fazendo outra poesia:

"Olhe para a flor da roseira, para as asas do sabiã, ali no caule da mangueira eu já estou passando lá."

Desanimado chamou seu amigo. Contou-lhe o que tinha acontecido, e disse que iria se matar de tanta vergonha.

- Olhe bem nos meus olhos e me diga se eu estou ficando doido! disse o Tamanduã, mostrando sua língua amarelada e abrindo os dois olhos para o amigo olhar.

- Está vendo alguma coisa? perguntou já impaciente, enquanto o amigo passava a unha pontuda tentando tirar a formiga que se mexia no centro do olho do Tamanduã.

- Estou vendo uma formiguinha bem no fundo do seu olho, mas ela não quer sair.

- Vi! Vi! - gritou o Tamanduã.

Depois de várias tentativas o amigo concluiu:

- Não tem jeito. Para tirar esta formiga daí tem que furar o olho, porque ela está dentro de você.

Lastimando o Tamanduá disse ao amigo:

"Não tem jeito, não tem jeito Tenho que me conformar Ver poesia por toda a parte Sempre e em todo lugar...."

- Você é poeta? Viva! nasceu mais um poeta, disse o amigo do Tamanduá, enquanto chamava todos os animais, que rapidamente descobriram que a formiguinha estava nos olhos de cada um e perceberam a beleza que havia em cada olhar.

Daquele dia em diante, todos os animais passaram a brincar com a formiguinha de seus olhos, colocando-a nas montanhas, nas estrelas, no luar... Assim descobriram como é linda a natureza e aprenderam a fazer poesia.

Faça isso também. Olhe bem dentro dos olhos de seu coleguinha e veja que lá tem uma formiguinha querendo virar poesia. Ela só sairá de lá se cada um quiser levá-la para a gota de sereno. Não, ali ela pode se molhar! Melhor é levá-la para o nariz do leão. Também é perigoso. Então na flor do maracujá? Agora feche os olhos pra ela poder voltar.

Todos nós podemos fazer poesias, até de olhos fechados e sabe por quê? Porque quando abrimos os olhos, a formiguinha sai à procura das belezas escondidas na natureza. Quando fechamos os olhos, ela está voltando com tudo o que de belo encontrou.

Então a gente escreve o que a formiguinha viu.

Foi assim que nosso professor Carlos Rodrigues Brandão fez. Deixou a formiguinha de seus olhos passear à vontade pela natureza; quando voltou, Ele escreveu estes versos tão bonitos. Eles estão separados, porque nosso professor não conseguiu escrever tudo de uma só vez, por isso a poesia foi saindo em pedaços, mas era para ser uma poesia só.

A lição que aprendemos com a formiguinha e o professor, é que tudo faz parte da vida, mas a principal coisa da vida, é a *própria vida*, sem ela nada podemos fazer.

“Então a árvore quer viver e cuidar de suas sementes como o tatu a cotia e o sabiã ou capim santo... para aliviar nossa dor quando se transforma em chá”.

E agora o que vamos fazer? Ler atentamente cada uma destas poesias para conhecer melhor a vida que existe em todas as coisas e depois deixar a formiguinha de nossos olhos passear para ver as belezas que existem na natureza. Aí escreveremos poesias e ajudaremos a preservar todas estas belezas para que nossos descendentes também possam falar das mesmas coisas, porque assim elas não desaparecerão.

Um beijo para todas as crianças Sem Terra do Brasil.

Ademar Bogo, poeta
Da Coordenação Nacional do MST
Bahia, fim do outono do ano 2000

Aos Sem Terrinha

Apresentamos a vocês, nossos queridos Sem Terrinha de todo Brasil, mais um livro do MST, da Coleção que tem como nome *Fazendo História*. Esta Coleção surgiu em 1994, e um dos seus principais objetivos é despertar nas crianças e nos adolescentes do MST, o amor à leitura e o gosto de escrever bonito.

Este é um livro muito especial. Porque ele foi um presente que o MST recebeu pra entregar a cada um de vocês. Quem deu este presente foi um amigo e companheiro nosso, o professor *Carlos Rodrigues Brandão*, que também é poeta. Poeta é aquela pessoa que consegue dizer as coisas fazendo poesia, quer dizer, com palavras que se juntam de um jeito mais bonito, em versos, às vezes até rimados. Carlos escreveu uma porção de poemas e nos deu de presente pra fazer este livro, que agora entregamos a vocês.

São poemas simples e belos, que falam da vida, da natureza, da semente. O próprio poeta vai dizer mais sobre eles, através do texto que está na página seguinte.

Mas antes de vocês conversarem com o poeta e lerem os seus poemas, nós precisamos combinar uma coisa: é sobre o jeito que vamos usar para agradecer este presente. Sabem como será?

Cada um de vocês vai ler com bastante atenção e carinho todas as páginas deste livro. Talvez precise ler

mais de uma vez, pra que a poesia vá entrando devagarinho em seus olhos e em seu coração... Depois, vai fazer a sua poesia, escrever os seus poemas sobre o que sentiu e entendeu sobre a Semente.... E então, pode ser assim?

Quem sabe se daqui a algum tempo a gente não consegue devolver ao Carlos este presente, fazendo um livro com os poemas dos Sem Terrinha do MST? Vamos ficar aguardando notícias, e versos. Podem enviar para o Setor de Educação do MST, no endereço que aparece no final do livro.

Um abraço, com muito carinho,
do Coletivo Nacional de Educadores do MST
São Paulo, setembro de 2000

Um jardim de todos

Se formos olhar bem, todas e todos nós: as pessoas, os bichos do mundo, as árvores, todas as plantas, as flores e os frutos, saímos de alguma semente e somos também canteiros de sementes dentro de nós.

Pois tudo o que é vivo: um pé de feijão, uma borboleta, um passarinho, uma criança, é parte do mesmo milagre: a própria vida.

Toda a Terra, nossa casa comum, o lar de tudo o que veio de uma semente e que é uma semente de vida, é um mundo de muitas coisas como a água, o fogo, a terra, o ar e tantos e tantos outros elementos. E tudo o que existe na Terra existe para criar e abrigar a vida de que nós somos parte.

Tudo o que existe nela é um dom gratuito, é um bem da natureza que existe livre por aí, em todo o mundo onde estamos. Existia muito antes de nós, seres humanos, aparecer neste nosso mundo.

Vocês não acham espantoso ver algumas pessoas lutando tanto para serem donas disto ou daquilo, e varando a vida preocupadas só em acumular ouro, dinheiro, terras e outras coisas, quando o que existe a nossa volta de mais verdadeiro e de mais maravilhoso está simplesmente aí... de graça? As águas, o mar, os rios e os riachos, as montanhas, o céu estrelado, as nuvens e a mãe chuva. E quantos e tantos outros bens do mundo e da Vida.

E também a terra onde semeamos, onde plantamos e de onde tiramos quase tudo o que nós e todas as pessoas precisam para viver a vida e ser bem felizes.

Um velho índio uma vez disse uma coisa tão bonita. Foi mais ou menos assim: nós não herdamos a terra dos nossos antepassados, nós apenas a tomamos emprestada dos que ainda virão.

Não é isso mesmo? Tudo o que é dom da vida não deveria ser para a vida e a felicidade de todas as pessoas e de tudo o que é vivo? As águas da Terra e as terras do mundo não deveriam ser partilhadas entre todas as pessoas? Quando é que gente grande vai aprender que é muito melhor sermos irmãos da Vida do que donos do mundo?

Estes pequenos poemas falam da semente, falam da vida, falam dos bichos do mundo e falam das plantas que existem a nossa volta.

Eu gostaria muito que eles fossem um convite para vocês e todo o mundo gostarem mais ainda de duas coisas tão bonitas e tão essenciais: a Vida que existe em nós e em toda a nossa volta, e a Poesia, como a destas cantigas e destes poemas. Pois eles querem ser somente isto: uma maneira de sentar no chão debaixo da sombra de uma árvore, de reunir gente em volta e de falar e cantar o amor que deve nos unir e unir cada um de nós a tudo o que existe vivo dentro dessa Barca querida onde fazemos juntos a mesma viagem: a Mãe Terra.

Carlos Rodrigues Brandão
Rosa dos Ventos, no Sul de Minas Gerais
Outono do ano de 2000

Bem lá dentro

Num lugar
Bem profundo
A semente
Guarda isto:
Um mundo.

A semente
Escondida
Esconde um ser
Pequenino:
A vida.

Você já pensou
(e pensou por quê?)
Que uma semente
Algum dia
Já foi... você?



De quatro pernas

Anta mico e onça preta
Caxinguelê e caitetu
Sagüi gambã capivara
Paça cotia e tatu.

Lobo guarã e ariranha
Porco-do-mato e preã
Sussuarana e preguiça
Bugio sagüi e sauã
Jaguar e jaguatirica
Veado ouriço-caixeiro
Teiú e tamanduã.

Você que tem duas pernas
Pare um pouco pra pensar
Nessa gente tão bonita
Que tem duas e outro par.

Antes tinha muito mais
Agora tem mais ou menos
E alguns tem menos que mais.
Serã que essa gente toda
Um dia vai se acabar?

Você que vive pensando
Pare um pouco pra sentir:
Pra que a vida dessa gente
Viva feliz junto à nossa
O seu jeito de viver
Será que não existe nada
(nada, nada. Nada mesmo!)
que a gente possa fazer?



Arvoredo

O pau-d'óleo o jatobã
Sibipiruna canela
Suinã e jacarandã
Oiticica e paraíba
O pau-alto o tamboril
Bordão-de-velho e angico
A imbuia e o pau-brasil
O embiriba e o chauã
O pau-pombo e o pau rosa
Seringueira e camarã
Jequitibã e angelim
O cedro e a madeira-nova
O bálamo e o pau-marfim
A araucária e a peroba
Capiúba sapucaia
Quina cedro e suinã
Pau-de-canela e uvaia
Primavera quaresmeira
O murico e o muricó
A peroba e a aroeira

A paineira o babaçu
O pau-de-colher o pau de ferro
Camunzé cupuaçu
Tamarindo e perobinha
Pau-de-jangada e embaúba
O pinheiro a pitombeira
Lacre caixeta e campeche
A algaroba e a mangueira
Pau-canudo e macaúba

A canafístula e o mogno
A cássia e a caribeira
Tento pau-d'arco e ipê
Guaririba e goiabeira
(me ajuda a contar, você!)

Cajazeiro e o buriti
Pitangueira e fruta-pão
Lagarteiro e o açaí
Palmiteiro e jatobã
Xique-xique e mangostão
Sinamomo e buriti
Laranja e pé-de-limão

O jardim da saúde

Malva sãvia e maravilha
A salsa o louro e a lavanda
Sete-sangria e artemísia
Cravo congonha e tomilho
Mama-cadela e espelina
Angico salsaparrilha
Fitolaca e camomila
Erva-mate e madressilva

Cataúba e catuaba
Cevado gerânio e rosa
A manjerona e a mangaba
Ora-pro-nobis coentro
Erva-de-santa-luzia
A segurelha o alecrim
Tanchagem poejo e endro
O confrei e o caiubim
Cipô-cururu e arruda
Inhame e ver-pombinha
O corefôcio e a carqueja
Erva-cidreira e roxinha.
O cominho e o araticum
Quina tinguí azedinha
Urucum urtiga e aneto
Erva-doce e douradinha

O capim corobobó
Comani manjericão
Borago hortelã babosa
Erva-de-tiú e limão
Erva-de-passarinho
Cominho e erva-de-tostão
Curare mate e mastúrcio
Pequi e arroz-com-feijão



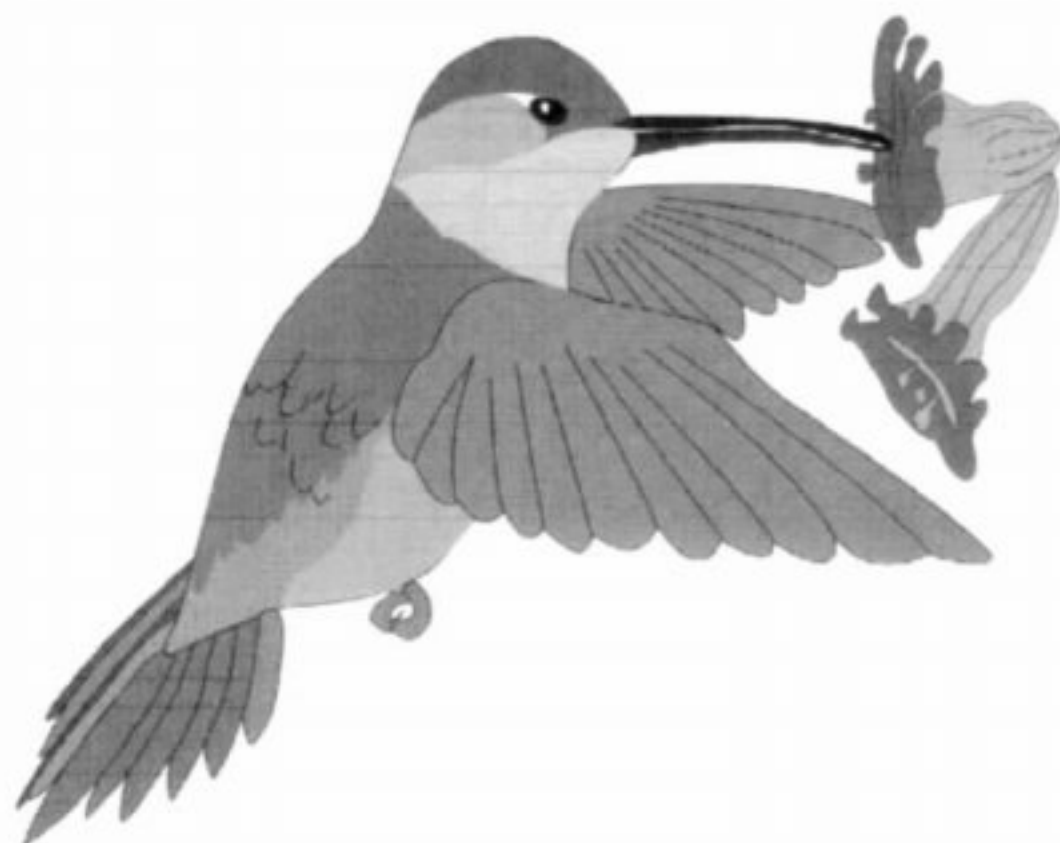
A gralha esquecida

A gralha azul azulava
Meio céu do Paraná.
Ia e vinha e avoava
Pegava um pinhão no bico
No claro do meio-dia
Furava o chão, enterrava
Aqui, ali e acolá.
Cobria com terra fofa
Ia embora e se esquecia
E o pinhão ficava lá.

Chuva da grossa e da fina
Vinha a chuva de janeiro
Molhava o som e inventava
Ir chover noutra lugar.
Um mês passava e outro vinha
Da terra escura surgia
De repente, bem ligeiro
(mas sem pressa de chegar)
um feixe de folhas verdes
um verde-vida: um pinheiro.
Primeiro um raminho à toa
Mas era só esperar
Por um março e outro abril
(pois tempo passando voa

como se fosse um instante)
e o pinheirinho crescia
como nunca já se viu.
Ficava "desse tamanho"!
Dava sombra, pau, pinhão
Dava a casa e a comida
Dava cantiga no vento
Forrava de vida o chão.

Agora vocês me contem
- minha amiga, meu irmão -
Vejam que acontecimento:
como é que coisa tão linda
como é que coisa tão grande
pode chegar desse jeito
nascendo do esquecimento?



O povo do canto e do céu

Papa-capim cagas-cebo
Saíra-de-sete-cores
Alma-de-gato canarinho
Manuelzinho-da-coroa
O João-congo e o sanhaço
Pinhê curiango e anu
Gaúna bico de lacre
Coração-de-boi colerinho
Martim-pescador e nhambu
Arapacu e socoí
A viuvinha e a freirinha
Papa-mosca e bem-te-vi

Tucano garça e socó
Tiê-sangue e periquito
João-de-barro e maritaca
João-da-noite mãe-da-mata
Inhuma pardal xororó
Passo-preto e siriema
Caturrita e bacurau
Pomba-do-bando e jaú
Tiziu saracura e ema
Tesourinha e pica-pau
A peitica e o peixe-frito
Caburé sofrê e urutau

Quero-quero e beija-flor
Fogo-apagou gralha azul
Asa-de-anjo e biguã
Maritaca irerê sabiã
Águia real e urubu
A garrincha e o trinca-ferro
Calafate e colibri
Frango-d'água tico-tico
Pomba-do-campo e do mato
Patativa e a juriti
Maracanã e matraca
E o falcão quiriquiri

A cambaxirra e o fim-fim
Pula-pula e pia-cobra
Marido-é-dia e chumpim
Juruviana e codorna
A limpa-casa e o quenquém
Graveteiro maluquinho
O carcarã e o chacuru
O gente-de-fora-evém
Gaturamo gurinhata
O tangará e o asa-branca
Vira-bosta tucanuçu
Cochicho, curió e cançã.

Os elementos

a terra
arada
a terra é macia
e cobre de pó
a pele do corpo.
de manhã quente
e a noite fria
espera a chuva
o fruto
e o morto.

a areia
artesa arisca
a areia da margem
de areia se veste
e com água cobre
a colcha que tece.
a espuma tecida
pelo rio quando a toca
é a linha e a letra
da memória que nela
ele escreve
escreve.

o vento
fiado
com a fala
que a pressa
pronuncia
era só essa
a túnica
que o vento
vestia.

um vaga-lume
a vela do lume
dessa ave mínima
ilumina a noite.
de luz reluzente
sua nave errante
acende o luzeiro
da alma da gente.

a água
limpida e fria
a água escorria
e fazia o riacho.
o rio que descia
era só o espelho
onde a lua a noite
acendia o facho.

frutos no chão
não há fruto no mato
que a vida não coma.
o que sobra do homem
comem os bichos
que o homem come.



Dentro dela

A alma da vida
Tem cara de menino
E na vida de tudo
Mora um sonho dele:
Es-con-di-di-nho...



No brejo no mato e no pasto

No brejo
A perereca soletra
Todo dia
O que de noite
Cantarola a gia.
E o sapo coaxa
De manhã
O que de tarde
Tagarela a rã.

no mato
Nem bem
Amanhece
E no galho
Da cabreúva
O urutau acorda
E se estremece.
Vai! Já é dia
Ou só parece?

E no pasto
Dizia pra um
O outro boi:
O melhor capim
É o que já foi...

A gente

Sagrada é a mulher e é o homem
E o segredo que mora no seu nome!
E o que ele faz de barro e com o sopro
E o barro de que é feito e com que sonha.
Sagrado é ir sem fim caminho adiante
E a ponte do caminho por onde vai
E o horizonte que vê além da ponte
E o lugar que imagina além ainda
Além da curva longe do horizonte
E um lugar longe, bem mais longe ainda
Com que ele sonha e – sonhando – dá um
nome.



Coisa de comer

fruta flor raiz
ou carrapicho
a terra boa cria
cada coisa de comer
pra alimentar cada bicho.
E nomato não nasce
Coisa que a vida
Não coma.
Pois o que sobra do homem
Comem os bichos
Que o homem come.



Sentindo o sentir

Não apressa o sentir
A hora do momento.
Não apressa com
a pressa do repente
nem o sonho da terra
e nem o doce e lento
trabalho da semente.
Não apressa a vida
Não pensa em nada
E sente só o bem
De ser semente.
Não fala nada sério
E nem decora o que
O coração não quer lembrar:
Porque nem sempre
O sentimento gosta
De pensar o que ele sente.

Estória de índio

Então foi assim:
Tudo veio da água
Da água veio tudo
E vem e é sempre.
E de água é o nada
E de água tudo assim:
Eu, você, o chão e o céu
A chuva e a onça, a anta
A capivara, a mãe e o menino.
A hora da manhã, a claridade
do sol e a tarde anoitecida.
Da água tudo nasce e vem
O que veio e o que vem vindo
E d'água é tudo o que foi e é:
A vida e a vida da vida viva
O menino, o velho e a morte
A arara, a gente e o jacaré.

Mas, como?

Um passarinho ontem me espiava
E pensava mineiro desse jeito:
Se esse bicho-gente não tem asa, uai
Como a gente-de-pena desse mundo
Como é que ele vai pra onde ele vai?



A semente

Somente
A mente
De um ser
Tão bom
Pode criar
Do sentimento
Um bem
Tão grande
Como a semente



Somente
Um Dom
Cheio de vida
Como a semente
Pode gerar:
Da vida a terra
Da terra a planta
Da planta a flor
Acontecida
De seu amor
De flor e fruto
Dentro do sonho
Que há na mente
De uma semente
Cheia de vida

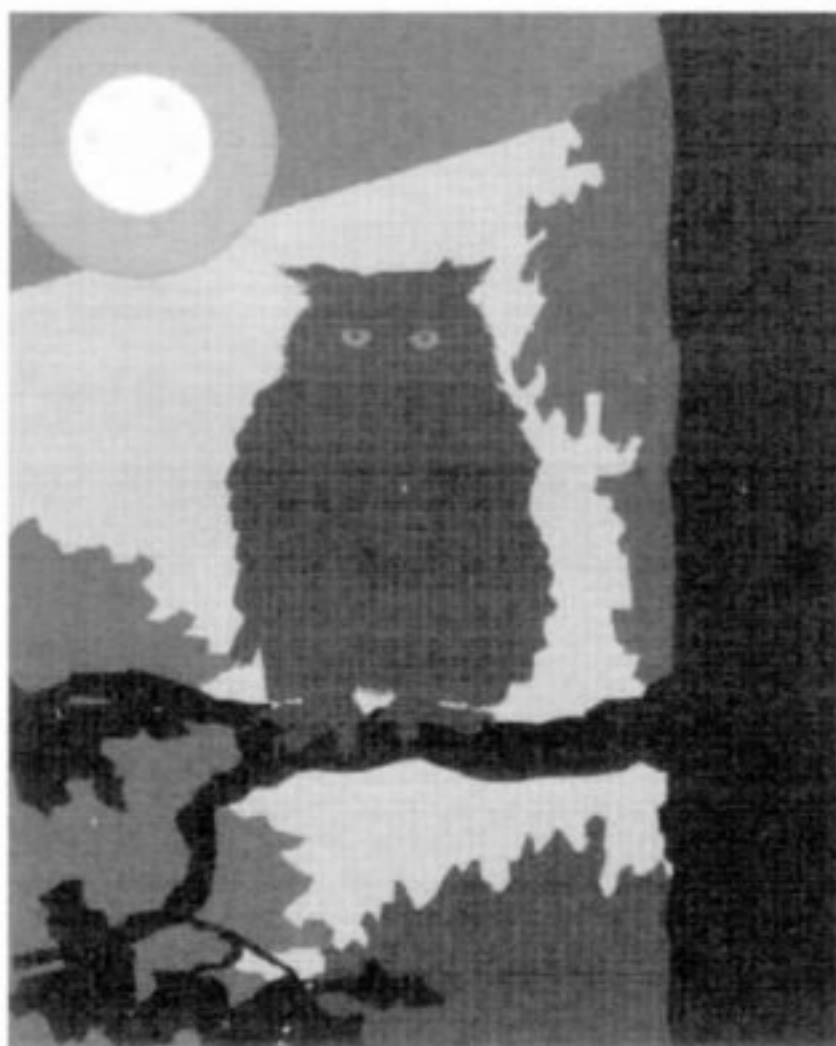
Se um deus não há
Dentro de quem
Existe o gesto
Que sente e sonha
Nascer da terra
Tudo o que brota
Da maravilha
Da força viva
De uma semente?

Mas se há um deus
Onipotente
Que cria tudo
Com o seu poder
Mas se um deus há
Que tudo cria
Com o seu amor
Como um presente
Do Dom da vida
Se um deus existe
Eternamente
Ah! Pode crer
Que ele algum dia
Já foi semente.



O Zelo do mato

Sabe de uma coisa?
(você sabe ou não sabe?)
se o mundo não acaba
e nem fica mais triste
(mas será que não fica?)
é porque o tempo todo:
de noite ou de dia
no escuro ou no claro
com o sol ou com a chuva
os bichos e as plantas
estão sempre cuidando
com zelo e carinho
da casa do Mundo.



Ora, veja!

Serã? Siriema disse
Pra traíra lá do poço:
Que o preã sobe em poste
Que mico muda de galho
Que tucano voa longe
Quando aponto o jacaré?
Que cobra come deitada
E onça come sentada
Preguiça dependurada
E tamanduã come em pé?

Serã? A traíra disse
pra siriema do campo:
que entre os bichos do mundo
tal como com o bicho-homem
assim como o homem-e-mulher
metade faz o que pode
metade faz o que quer?

Quem é Carlos Rodrigues Brandão

Nasceu no Rio de Janeiro em abril de 1940. Viveu ali 26 anos. Depois viveu algum tempo em Brasília e Goiânia. Hoje vive um tempo em Campinas, São Paulo, e outro tempo na sua Rosa dos Ventos, no sul de Minas Gerais. Também viaja bastante pelo Brasil todo, fazendo cursos com educadores e educandos. Foi muito amigo de um outro educador muito amigo nosso, Paulo Freire, que morreu em maio de 1997. Eles trabalharam juntos em movimentos e experiências de educação popular. Brandão é professor, pesquisador e poeta. Gosta muito de estudar, de escrever, de fazer poesia e de conviver com a gente do campo.

O MST agradece muito a solidariedade e o afeto de pessoas como Carlos Rodrigues Brandão.

Coleção Fazendo História:

1. A comunidade dos gatos e O dono da bola, 1994.
2. Zumbi: comandante guerreiro, 1995.
3. A história de uma luta de todos, 1996.
4. Ligas camponesas, 1997.
5. Nossa turma na luta pela terra, 1998.
6. Semente, 2000.

Expediente:

Produção: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra –
Setor de Educação

Poemas: Carlos Rodrigues Brandão

Desenhos: Irmã Elda Broilo, MSCS

Apoio: Igreja de Confissão Luterana no Brasil – IECLB

Diagramação: Zenaide Busanello

Colaboradores: Rogério Chaves e Zap Design

Edição: setembro de 2000

Tiragem: 10.000

Todos os direitos desta edição são reservados à
Associação Nacional de Cooperação Agrícola – ANCA
Alameda Barão de Limeira, 1232 – Campos Elíseos
01202-002 – São Paulo – SP
Fone/fax: (011)3337-3959
E-mail: anca@cidadanet.org.br

Impressão e acabamento

Cromosete

GRÁFICA E EDITORA LTDA

Rua Uhland, 307 - Vila Ema

Cep. 03283-000 - São Paulo - SP

Tel/Fax: 011 6104-1176



"...Você já pensou
(e pensou por quê?)
Que uma semente
Algum dia
Já foi... você?..."



Reforma Agrária: por um Brasil sem latifúndio!